**A INFECÇÃO DA ZONA DE CONFORTO**

*Por Wesley Vaz[[1]](#footnote-1)
27/03/2020*

Quantas vezes você já ouviu ou leu sobre os efeitos da disrupção e os benefícios potenciais que o desembarque da “zona de conforto” nos traria?

Todos os conceitos abstratos de disrupção e a descrição do seu impacto, que povoam os primeiros capítulos dos livros de negócios e de autoajuda corporativa, passaram a ser o cenário da nossa rotina diária. **Culturalmente, subdimensionamos o efeito de mudanças indesejadas, longínquas, especialmente para instituições governamentais, talhadas pela estabilidade e pela aversão crônica aos riscos.**

Pois cá estamos todos, no meio de uma disrupção histórica. Diante da impossibilidade de seguir a vida dos tempos normais, a dor da mudança apareceu. Está difícil ignorar a realidade e a necessidade de construir na marra novos hábitos, com a perspectiva realista de que soluções podem demorar, o desconforto deve aumentar e as ações drásticas de hoje parecem ser somente paliativas.

A crise da covid -19 expõe a essencialidade da inovação e da ciência como instrumentos de resolução de um problema muito complexo e pouco conhecido, que ameaça o que há de mais valioso: a sobrevivência. O aparecimento do vírus nos relembrou e desenhou, com riqueza de detalhes, 3 ingredientes fundamentais para a transformação coletiva em tempos de disrupção.

**Liderança**. Especialmente agora, dependemos de pessoas que, pelo exemplo e com a máxima transparência, estabeleça o rumo do barco e o ritmo das remadas. Líderes que consigam combinar habilidades cognitivas e emocionais (QI + QE), com capacidade de comunicação empática, são essenciais para agir pragmática e racionalmente e tentar construir a confiança e evitar o caos e a **“overnóia”**.

**Ciência e tecnologia**. A forma como o conhecimento humano tem sido construído, incrementado e aplicado em escala, desde o início dos tempos, é, sempre foi e provavelmente sempre será a nossa melhor opção. Não confiar e não valorizar a produção científica e tecnológica, em qualquer tempo, significa abdicar da capacidade de sobreviver ao futuro. Assistimos e aplaudimos cientistas, profissionais de saúde e empresas buscando soluções, computadores conectados para tentar mapear uma proteína, mapeamentos globais de genoma, soluções para diagnósticos relâmpago e buscas por novas drogas para o tratamento.

**Colaboração**. A necessidade de agir individualmente para contribuir com os resultados do todo. A obrigação de agradecer sempre e de apoiar o trabalho daqueles que estão na linha de frente, com coragem, técnica e coração para que todos possamos cumprir o nosso papel na estratégia vencedora. É necessário que todos tenhamos a clareza de propósito dos bem liderados para evitar o mal para o todo.

A transformação nos governos e nos negócios sempre se tratou de mudança profunda, de modificação das crenças e os comportamentos das pessoas, do questionamento constante das premissas e de decisões sobre o que deixará de ser importante e o que se tornará o novo padrão.

Para a transformação que estamos sendo forçados a passar, a única solução razoável de hoje exige tomar partido entre o egoísmo e o bem comum, entre o ego e o propósito. **Nosso comportamento individual e a crença na ciência vão representar sucesso ou fracasso da racionalidade e da empatia humanas.**

Que o nosso aprendizado contínuo seja completo o suficiente para reconhecermos as novas competências e habilidades quando a tempestade passar. E quando isso acontecer, vamos poder discutir transformação de instituições, do governo e da sociedade de maneira mais objetiva, sem bloqueios dogmáticos ou voluntarismos utópicos. Pois como dizem os mais velhos e confirmam os estudiosos, aprendemos de verdade quando erramos, sofremos e solucionamos. É isso que vai acontecer.

E se puder, fique em casa.

1. Servidor público federal, profissional certificado em estratégia e inovação pelo MIT e mestre em Ciência da Computação pela Unicamp. Co-autor do livro “A descomplicada contratação de TI na Administração Pública”. [↑](#footnote-ref-1)